

A PUC-RIO DE PORTAS ABERTAS: DEBATES.

Aluna: Luciana dos Santos
Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

A PUC-Rio desde a sua origem é uma universidade voltada para a pesquisa. É também uma das universidades pioneiras no que diz respeito à pós-graduação no Brasil. A PUC-Rio busca, em sua história, a excelência e a inovação acadêmica na área de ensino e pesquisa. Estes são traços de suas atividades tanto no que diz respeito à graduação quanto à pós-graduação.

Consciente da importância de construir uma memória institucional para a formulação de projetos futuros desta Universidade, a Vice-Reitoria Acadêmica criou, em 2006, o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio, cujos objetivos iniciais eram pesquisar, recolher, selecionar, sistematizar, cadastrar e publicar em seu *site* (<http://www.ccpq.pucRio.br/memoriapos>) registros da memória da Universidade, que, até então, estavam dispersos nos vários acervos dos departamentos ou mesmo em acervos privados. A relação entre graduação e pós-graduação, ensino e pesquisa nesta universidade revelou a necessidade de ampliação do projeto e seus objetivos. Em 2008, o Núcleo original tornou-se o *Núcleo de Memória da PUC-Rio*.

O acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* é dinâmico, em constante atualização, plural e descentralizado. O Núcleo assume a feição de um **lugar de memória**, no sentido que tal conceito ganha na formulação do historiador Pierre Nora [1], ou seja, no tríplice sentido de ser um **lugar físico** de construção da memória, um **lugar cuja função** é fazer memória e um **lugar simbólico** da memória institucional da Universidade.

Através dos seus diferentes usos e serviços voltados à comunidade acadêmica, o *Núcleo de Memória* é reconhecido institucionalmente como **lugar de memória** da Universidade, servindo de referência para toda a PUC-Rio e para os demais pesquisadores.

O presente Relatório Anual descreve as atividades desenvolvidas pelos bolsistas do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* do período de 01 de maio de 2008 a 31 de maio de 2009. O Núcleo, sob a coordenação da professora Margarida de Souza Neves e da pesquisadora Silvia Ilg, conta com uma equipe composta pelo assistente técnico Clóvis Gorgônio, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos bolsistas de Iniciação Científica Anna Koscheck, Juliana Cordeiro de Farias e Luciana Santos e pelo mestrando Eduardo Gonçalves.

O Relatório se divide em duas partes: a primeira, o Relatório Técnico, de caráter descritivo, apresenta as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa como um todo e as contribuições pessoais de cada um para o Núcleo; a segunda parte, o Relatório Substantivo, apresenta um texto consolidando o trabalho de cada pesquisador até o momento.

Relatório Técnico

Atividades da equipe:

A participação da equipe no Projeto pressupõe tarefas principais como:

01. Localização e registro de documentação escrita, iconográfica, filmográfica, registros sonoros e documentos tridimensionais diretamente e indiretamente relacionados ao tema do Projeto nos acervos da PUC-Rio;

02. Seleção, coleta e tratamento do material documental;

03. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;
04. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo;
05. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro de metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
06. Produção de roteiros de entrevista;
07. Produção de entrevistas orais em suporte áudio-visual;
08. Transcrição de entrevistas para suporte texto (digital);
09. Realização de seminários internos com a participação do grupo de pesquisadores para discussão de textos teóricos sobre os conceitos de Cultura, Memória, Identidade e História Oral e sobre temas como História da Pós-Graduação e da Pesquisa no Brasil;
10. Realização de reuniões técnicas semanais com a participação do grupo de pesquisadores tendo como principais objetivos sistematizar a agenda de tarefas semanais, trocar experiências sobre o cotidiano das visitas feitas aos acervos pesquisados, das entrevistas e demais trabalhos realizados nos Departamentos, Centros, Decanatos, Vice-Reitorias e Reitoria da PUC-Rio, e para sanar as dúvidas que possam surgir sobre as rotinas de trabalho do Projeto;
11. Publicação do acervo através do *website* Núcleo de Memória da PUC-Rio e da Agenda PUC-Rio;
12. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no *website* Núcleo de Memória da PUC-Rio e na Agenda PUC-Rio;
13. Manutenção e atualização do *website* institucional do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*;
14. Atendimento a solicitações, via mensagem eletrônica, telefônica e presencial, quanto à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos do acervo e perguntas sobre temas abordados pelo acervo. As consultas, internas e externas a PUC-Rio, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
15. Cópias em mídia digital dos documentos solicitados pelos diversos setores da universidade e externos a ela;
16. Outras atividades.
 - 16.1. Conferência de abertura da Semana de História da PUC-Rio, realizada em 01/09/2008, ministrada pela professora Margarida de Souza Neves, cujo título era *Memória e Esquecimento*.
 - 16.2. Palestra intitulada “A trajetória do Núcleo de Memória da PUC-Rio – 2006-2008” realizada pela equipe do Núcleo de Memória no I Fórum de Centros de Memória da Faetec, ocorrido, em dezembro de 2008, na Escola Martins Pena;
 - 16.3. Apresentação da primeira monografia utilizando o acervo de imagens do Núcleo de Memória. Esta foi defendida pelo pesquisador Eduardo Gonçalves, em 04/12/2008, no Departamento de História da PUC-Rio;
 - 16.4. Edição e lançamento da Agenda PUC-Rio 2009, produzida pelo *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, durante a Assembleia Universitária, presidida pelo Reitor Pe. Jesus Hortal, S.J., no Auditório do RDC, em 17/12/2008;
 - 16.5. Seminário da professora Margarida de Souza Neves para a equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio sobre a peculiaridade do trabalho com fotografias, em 28/01/2009;
 - 16.6 Atualização do quadro de visitas e atividades localizado na sala do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, em setembro de 2008;

16.7 Pesquisa e atualização de dados para as cronologias sobre a PUC-Rio e seus departamentos, em junho de 2009;

16.8. Pesquisa desenvolvimento do site Ano Dom Helder Camara na PUC-Rio, produzido pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio. Lançamento no Auditório AMEX-IAG, em 19/06/2009.

Atividades Individuais: Luciana dos Santos

No período que compreende este relatório (de Agosto de 2008 a Agosto de 2009) realizei as seguintes atividades abaixo:

1. Visita a acervos da PUC-Rio:

- Letra (LET);
- Matemática (MAT);
- Engenharia Elétrica (ELE);
- Engenharia Civil (CIV);
- Relações Internacionais (IRI);
- Serviço Social (SER);
- História (HIS),
- Física (FIS);
- Geografia (GEO);
- Educação (EDU);
- Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente (NIREM)
- Administração e Recursos (DAR);
- Recursos Humanos.

Depois de realizada cada visita, o quadro com os nomes dos Departamentos afixado na sala do Núcleo (302-K), é atualizado para manter em dia as frentes de trabalho que estão ocorrendo. É necessário também descrever o relato de cada visita feita e dos documentos localizados nos arquivos digitais armazenados no diretório do Núcleo.

Vide exemplo abaixo:

Lista de documento do DAR PUC-Rio

Data: 12/02/2009

Horário: 11h

Local: Ala Leme

Pesquisadores: Eduardo Gonçalves e Luciana Santos

Lista de documentos dos professores de Educação que irão se aposentar:

Hedy Silva Ramos de Vasconcellos

Certidão de participação no Curso de Mestrado em Educação de 1969.

Cópia do diploma de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Guanabara de 28/12/1962.

Histórico escolar do curso de Pós-Graduação na PUC-Rio de 13/02/1973.

José Carmello Braz Carvalho

Histórico do Mestrado em Educação pela PUC-Rio – sem data.

Histórico Escolar de 17/05/1965.

Série de documentos com o “Guia de Transferência” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Bento de 24/12/1958.

Maria Aparecida Campos Mamede Neves

Resumo do Histórico Escolar de fevereiro de 1975.

Cópia do Diploma da Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Rio de Janeiro de 25/07/1960.

Cópia do certificado da colação de grau em Psicologia pela PUC-Rio de dezembro de 1981.

Cópia do histórico do curso de Psicologia – sem data.

Cópia da certidão da conclusão da licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Guanabara de 04/08/1967.

Tânia Dauster Magalhães Silva

Ofício nº 17/68 de 22/04/1968 sobre a transferência para continuar os estudos na PUC-Rio no curso de Filosofia.

Série de documentos com o “Guia de Transferência” da Faculdade de Filosofia da PUC-Rio – sem data.

2. Revisão de Transcrição

- Carlos Lucena;
- Ilza Autran;
- Augusto Sampaio;
- Paulo Fernando Carneiro de Andrade;
- Weiler Finamore Júnior;

Vide exemplo abaixo:

Transcrição da entrevista de Weiler Finamore Júnior feita pela equipe do Núcleo de Memória na sala de reunião da CCPG, em 29 de fevereiro de 2008, junto com a entrevista do Antônio Albuquerque.

- Sílvia Ilg: Parou de funcionar uma Assessoria ligada à Vice-Reitoria de Desenvolvimento?
- Antônio Albuquerque: Eu acho que... Como que foi essa transição?

- Weiler Finamore: Não foi muito. O Projeto Comunicar não vestiu essa camisa em um primeiro momento. O Projeto Comunicar na verdade era o Jornal da PUC só. Então, o papel era de documentar o que acontecia na comunidade e divulgar os acontecimentos acadêmicos como algumas curiosidades do campus. Então em um primeiro momento, o Comunicar não assumiu a postura de Assessoria de Imprensa. Tanto que agora, de uns 5 a 6 anos pra cá que surgiu a Assessoria com a Professora Clarice Abdala. Mas ainda hoje, a própria PUC...

- Margarida de Souza Neves: A Reitoria tem um assessor de imprensa que continua sendo o Padre Adionel [checar], que é jornalista, que é assessor de imprensa da diocese também. A Assessoria de Imprensa da PUC, a função dela não é essa do registro do arquivo, a função dela é interface da Reitoria e da Universidade com os órgãos de imprensa. Então, por exemplo, telefona a Rede Globo que quer fazer uma entrevista com o Reitor. Primeiro passa pela Assessoria de Imprensa.

- Weiler Finamore: Porque a Professora Clarice Abdala conhece muita gente na Globo, então já é uma referência. É comum, por exemplo, ontem a FAPERJ ligou lá pra minha sala, pra fotografia, e queria uma imagem da PUC. E aí a gente está tentando centralizar isso. Mas o que eu ia falar assim, mesmo a Assessoria de Imprensa hoje não assumiu o papel de toda a instituição. Mas acho que existem planos.

- Sílvia Ilg: Weiler fala um pouco sobre o acervo de fotografias do Comunicar., desde quando você está lá, a sua função.

- Weiler Finamore: Nossa, um pouco [risos].

- Margarida de Souza Neves: Primeiro é importante dizer que ele praticamente nasceu aqui [risos].

- Weiler Finamore: O meu pai é professor da PUC desde 1970. Ele só se ausentou daqui quando foi fazer as suas pós-graduações.

- Margarida de Souza Neves: Você se lembra de você pequenininho brincando aqui?

- Weiler Finamore: Lembro. Perturbando os seguranças, que são seguranças até hoje [risos].

- Margarida de Souza Neves: Porque os pais faziam a seguinte coisa com os seus filhos: não tinham com quem deixar traziam. Miguel, seu pai, etc. E aí eles chegavam assim e soltavam as feras na PUC. E os seguranças eram os encarregados de não deixarem irem pra rua. Aqui dentro podia tudo. Só não podiam deixar as feras irem pra rua. E os seguranças tinham essa função.

- Weiler Finamore: Um pouco a revelia, mas tinham [risos]. Mas enfim, então eu passei de criança, brincando, a estudante, estagiário e hoje professor na PUC. Eu estou no Comunicar desde 93. Saí durante um período e em 93 já existia um pequeno acervo de imagens que era feito pelo Antônio, a Niva [checar], mas 99% o Antônio.

- Clóvis Gorgônio: Em 93, você entrou como estagiário?

- Weiler Finamore: Isso. De laboratório. Naquela tinha laboratório ainda. E tinham os

fotógrafos. E com eu era laboratorista e tratava tanto das imagens em papel, quanto em película que era o que tinha na época, a gente tinha que dar algum fim aquilo, quer dizer, um meio, tinha que organizar aquilo. E foi aí que começou a primeira semente desse acervo que é do Comunicar hoje. Mas foi uma coisa muito amadora, a gente fazia muito por intuição. Como é que se guarda um negativo, como é que se guarda uma foto...

- Margarida de Souza Neves: A gente está vendo que tudo na PUC é assim. O bibliotecário é um menino que chega do Recife, o outro é o filho do professor, é assim.

- Weiler Finamore: E assim, o nosso primeiro banco de dados foi um arquivo do word, que a gente tem ele até hoje. Tem as informações mais preciosas desse acervo. Hoje parte desses negativos já foram digitalizados. Essas informações que estão nesse arquivo do word vão um dia passar para um banco de dados. A gente espera, inclusive essa semana acho que vai ter uma conversa com o Fernando a respeito disso. Porque o que estava em película está sendo concluído. Agora a gente precisa viabilizar o acesso dessas imagens. O publique é uma ferramenta interessante que a gente está pensando, mas isso é a longo prazo, quer dizer, médio a longo prazo.

Então depois de laboratorista eu passei a fotógrafo, laboratorista e prestador de serviço. Aí eu já tinha me formado. Sou formado em Geografia, mas sou fotógrafo autodidata. Trabalhei pra Geografia durante muito tempo. As oportunidades foram que sendo meio escolhidas e hoje eu sou professor de foto-jornalismo do Departamento de Comunicação. Mas de prestador de serviço é que eu fui a professor. Nesse período de estagiário, prestador de serviço e professor, o volume de fotos aumentou porque o próprio Comunicar cresceu. A gente começou a não fazer mais fotos só para o Jornal, mas também pra Assessoria, pra Agência de publicidade e depois a TV. E era eu sozinho sem estagiário. Eu não estou aqui arrumando pretexto, mas na verdade a gente nunca tinha sentado e pensado como organizar isso. Weiler você é o responsável, você entende e vê o que você pode fazer de melhor. Até que um dia sentado eu, Miguel e Fernando, já com estagiário de fotografia, a gente falou: "olha, isso precisa ser organizado, senão isso vai ser perdido". Isso foi há 5 anos atrás, foi quando se começou o processo de digitalização das imagens, de organização de um banco de dados com informações no access, em um primeiro momento, que não é o melhor, mas as informações estão sendo guardadas.

- Clóvis Gorgônio: Vocês têm registrado as origens desses negativos? O Antônio falou que uma parte veio da Letras, uma parte veio da própria Comunicação. Vocês têm idéia das origens?

- Weiler Finamore: Isso é outra coisa. Quando a gente começou a digitalizar o nosso acervo, surgiu a idéia de tentar preservar outras coisas mais de outros departamentos. A Graça aqui tinha um acervo da Vice-Reitoria de Desenvolvimento, tem ainda, parte ela deixou com a gente, ela: "vai estar mais bem guardado com vocês porque aquilo ali está um pouco...". Não é função deles organizar aquilo. O que a gente é o departamento entregou pra gente, já entregou em um envelope. Tem alguns envelopes lá do Departamento de Letras e Departamento de Filosofia. É o que a gente tem. Na verdade a gente recolheu essas imagens na tentativa de preservar de alguma forma. Mas hora nenhuma a gente estruturou o banco de dados de forma inteligente. A primeira coisa que a gente pensou foi guardar a imagem, conservar a imagem, preservar ela e identificar ela de

alguma forma que fosse possível a gente acessar ela de algum modo.

- Margarida de Souza Neves: Isso já é muito inteligente.

- Weiler Finamore: É, mas assim...

- Margarida de Souza Neves: Podiam fazer mais (risos).

- Weiler Finamore: Podiam fazer muito mais (risos). Mas não era função do Comunicar fazer um arquivo. A gente precisa chamar alguém em parceria pra fazer isso. É claro que eu enquanto fotógrafo, manipulador de imagem, eu tenho a idéia de como preservar isso. É o que a gente faz lá.

- Sílvia Ilg: Eu acho que a PUC não tem um acervo central de documentação, seja de fotografias, seja de áudio-visual, seja de documentos. Isso tudo está alocado em inúmeros acervos e muitos deles foram iniciativas de pessoas.

- Weiler Finamore: Como a minha iniciativa.

- Sílvia Ilg: Então pra nós é importante guardar isso.

- Antônio Albuquerque: [trecho incompreensível]

- Sílvia Ilg: Então eu penso que talvez a gente possa pelo menos encaminhar uma política de arquivos. E eu acho que talvez seria interessante a gente, na nossa pequena equipe, e tendo contato com o Antônio e com você, a gente pelo menos criar uma coleção obviamente que sirva aos objetivos do Núcleo de Memória. Também não é essa equipe que vai montar esse banco de dados, mas eu acho que a gente poderia criar uma coleção em que a gente pudesse ter o registro do acervo do Antônio e aquilo que está guardado. Obviamente que a organização e a seleção fica em função dos critérios que a gente tem, que temas, que imagens ou que tipo de imagens a gente pode selecionar, mas pelos menos seja uma primeira coleção.

- Margarida de Souza Neves: E é muito importante sublinhar que essa coleção não vai guardar fisicamente esse acervo. Eu acho que esse é um dos objetivos. A gente não quer tirar os acervos, porque esses acervos as pessoas têm uma ligação com eles que não é uma ligação puramente profissional. O acervo do Antônio é extensão da vida do Antônio. Ele disse é como um filho. Eu disse pra ele: qual é a sua grande fotografia da PUC? Ele disse: não posso escolher, é como um filho. Então sabe, ninguém vai poder sabe dizer para o Antônio: olha Antônio agora isso aqui vai ser nosso. Não, isso aqui é a vida dele. É dele. O do Comunicar é do Comunicar. O da Graça é da Graça. Mas a gente pode digitalizando esses acervos, fazer com que aquilo que seja procedente, sabe lá se nas festas que o Antônio fotografou tem alguma coisa que é melhor não ir ao ar e publicar, mas o que for procedente a gente deixa à disposição da comunidade ou sabe lá de quem mais. Esse é o grande barato.

- Weiler Finamore: Essa era a intenção nossa no Comunicar, no primeiro momento que a gente criou, que a gente teve a idéia da digitalização. É importante, são algo em torno de 40.000 imagens, quer dizer, é foto-jornalismo, você vai lá e faz 20 fotos da mesma coisa.

- Antônio Albuquerque: Me dá uma sensação assim, digamos assim, eu acho que a coisa

da imagem é como um artista. Ele faz um quadro e pendura lá na sala dele. E fica lá jogado. Eu acho que é como meu pai fazia quadros e expunha quadros, depois ele começou a fazer charges nos jornais diários de Pernambuco. Ele fazia para um político, o político gostava e pagava a ele pra ele responder a charge do outro. Então, ele gostava de fazer os quadros. Eu não tenho um quadro do meu pai, sabia? Por que? Era o prefeito de Recife que levava um, um amigo levava o outro. Ele ganhava o dinheirinho dele com essas coisas. Então é ótimo isso, fico satisfeito. Tem uma rua lá me Recife com o nome dele, pintor Antônio. Então é legal essa divulgação. Então, eu guardei muito esses negativos. O Professor César Romero queria jogar fora um dia, ficou aborrecido com aquele monte de caixas amarelinhas, joga isso fora ou então dá isso lá pro Comunicar.

- Clóvis Gorgônio: Isso aonde? Qual Departamento?

- Antônio Albuquerque: Projeto Comunicar.

- Clóvis Gorgônio: Não, não, quem pediu pra jogar fora?

- Antônio Albuquerque: Na época eu era funcionário da Comunicação e lá a gente tinha dificuldade de espaço. E realmente aquele não era o local. Então como eu era funcionário e a Assessoria de Desenvolvimento ela deixou de ter a, digamos assim, a Assessoria de Imprensa na sua forma que trabalhava antes de publicar os jornais com o professor Nelson Dimas e o professor Herrera. Então, o Projeto Comunicar absorveu esta parte. Um estagiário da Comunicação que ia pra lá pra fazer o Boletim da PUC. Então pra onde é que vai esse negócio? Eu guardei comigo, entendeu?

- Weiler Finamore: No caso do acervo do Antônio, tanto do Comunicar também, claro que, acho que você colocou muito bem uma situação aí Professora de fisicamente ele permanecer nos seus locais, até porque fazem parte da história daquele lugar.

- Margarida de Souza Neves: Permanecer naquele local é importante para entender a sua lógica.

- Weiler Finamore: Ele está ali. No dia que ele estiver organizado você vai ter acesso a uma película dentro de um arquivo que você vai folhear. Através do banco de dados você pode puxar aquela película a hora que você quiser e ampliar ela. Agora o que me dá, angústia é uma palavra um pouco dura, o meu desejo, a minha ansiedade é essas imagens tem que estar disponíveis pra todo mundo o quanto antes e de forma acessível. E eu sozinho realmente não consigo fazer isso não (risos), até porque a gente tem várias funções [trecho incompreensível] e a gente não tem as ferramentas certas.

- Sílvia Ilg: Weiler já sabe o Antônio integra agora a equipe do Núcleo de Memória.

- Antônio Albuquerque: obrigado pela força e indicação (risos).

- Sílvia Ilg: Então uma das, a gente tem várias frentes em função dessa entrada do Antônio. Uma delas é essa catalogação do acervo dele. Eu acho que esse acervo vai nos levar rapidamente para o acervo de vocês. Até porque ele vai lembrar: "ah, isso aqui ficou lá!". Então a gente tem que conversar sobre...

- Antônio Albuquerque: O que ficou comigo foi muito pouca coisa, como eu te falei. O maior número de negativos é realmente as formaturas que eram coisas que eu fazia por iniciativa

própria [trecho incompreensível]. Além dos alunos têm as mesas clássicas da época.

- Sílvia Ilg: A situação é assim: a gente tem uma intersecção, coisas do Comunicar elas vão ser acessadas em função das lembranças e do elenco que a gente vai fazer desses temas.

- Weiler Finamore: Eu acho que é um trabalho muito minucioso, mas importantíssimo.

- Margarida de Souza Neves: Claro que sim.

- Weiler Finamore: O Evandro Teixeira vai lançar no mês que vem um livro chamado 68 destinos, daquela foto famosa dele da passeata dos 100 mil. O quê que ele fez: este projeto existe há quase 10 anos, se eu não me engano. Ele convocou as pessoas que se identificassem nessas fotos pra contar as suas histórias.

- Margarida de Souza Neves: Eles me mandaram essa foto, mas eu não me achei (risos). Estou lá, mas eu não me achei.

- Weiler Finamore: É que a gente tem que fazer com as fotos do Comunicar.

- Margarida de Souza Neves: Exatamente. [trecho incompreensível]

- Weiler Finamore: Pegar uma por uma...

- Antônio Albuquerque: O quê que aconteceu na época das fotos quando as pessoas tiraram.

- Margarida de Souza Neves: [trecho incompreensível] e aí as pessoas piraram, entende? [trecho incompreensível]. As pessoas piraram, porque as pessoas se viam e viam a sua época. Então de repente você vê o Vice-Reitor desta Universidade, a gente projetando aquelas fotos, e o Vice-Reitor da Universidade, o Augusto, pulava e dizia "lindo", "linda" (risos). Muito legal. Luiz Roberto. Luiz Roberto é outro entusiasta.

- Clóvis Gorgônio: Eles pararam tudo, interromperam a projeção e ficaram lá: "olha eu aqui", "olha eu aqui".

- Margarida de Souza Neves: Passaram na frente do projetor e ficaram lá.

- Weiler Finamore: Olha eu quando estou fazendo uma busca de uma imagem mais antiga no nosso banco de dados, de repente eu me pego olhando as fotos.

- Margarida de Souza Neves: Claro.

- Weiler Finamore: Você é hipnotizado.

- Margarida de Souza Neves: Porque você entra no barato.

- Clóvis Gorgônio: A chave da imagem é muito poderosa. Você liga todas as conexões.

- Margarida de Souza Neves: Exatamente. E não só isso, mas você [trecho incompreensível]. É como quando a gente faz, aliás vocês aqui hoje estão tendo uma aula de história magnífica, de História do Brasil. A história do Antônio é uma história de Brasil, linda. Vocês tiveram uma aula de história da PUC e vocês estão tendo uma aula de como é que se faz História. Então o quê que acontece, o que você escolhe pra fotografar e o seu

lado do avesso, o que você não fotografa, é como o que você diz e o que você não diz. O mais importante em um discurso não é o que você diz, é o que você não diz.

- Weiler Finamore: Que prevalece uma versão só.

- Margarida de Souza Neves: Exatamente. Você constrói uma versão, exatamente é isso. Ontem mesmo na posse do Luiz Roberto eu disse isso, quer dizer não na posse, depois. Porque eles nomearam, agradeceram, um monte de coisas. Naqueles agradecimentos está um mapa. Com essas fotos, está um mapa. Essas fotos estão mapeando aquilo que mereceu tanto destaque que ou porque ele disse isso é importante e eu vou, os últimos acontecimentos no ginásio. Ninguém falou pra ele. Ele disse: “não, não, essa eu não perco. Essa eu vou lá e fotografo”. Ou porque ele por iniciativa própria fez isso, ou porque a instância da PUC à qual ele está ligado diz: “vai lá fotografar não sei o que”. Isso é uma seleção, como toda seleção é uma leitura.

- Weiler Finamore: Que é o nosso caso lá no Jornal.

- Margarida de Souza Neves: E depois outra seleção que é a do tempo. Porque eu te garanto que antes de sair de onde estava e ir para o Comunicar, alguém diz vamos mandar esse acervo aqui pro Comunicar. Dona Mariazinha, que é a secretária do Reitor ou do Vice-Reitor, veja bem e tire o que não for conveniente. Dona Mariazinha fez esse papel de apagar a memória com a cabecinha dela.

- Clóvis Gorgônio: O Departamento de Matemática estava correndo atrás da gente porque olha vocês acabaram de fazer o levantamento?, porque a gente vai jogar fora um monte de papel velho.

- Margarida de Souza Neves: É.

- Juliana Cordeiro de Farias: Em Química mandaram eu fazer a listagem e [trecho incompreensível] pra tirar. Aí tem que fazer [trecho incompreensível]. [risos]

- Margarida de Souza Neves: Isso.

- Juliana Cordeiro de Farias: [trecho incompreensível]

- Margarida de Souza Neves: Eduardo também viveu uma situação dessa. E é muito interessante. Porque a gente achou um material e aí o Departamento corre pra botar no site antes da gente e depois me escreve dizendo: “achamos e pomos a sua disposição”. Aí eu digo: “muito obrigada”. Não vou brigar. Eu não quero a glória de ter achado, eu quero que isso seja disponível. Sabe eu não estou interessada. Que bobagem quem achou.

- Eduardo Gonçalves: Que bom que achou.

- Margarida de Souza Neves: Foi ele que achou.

- Clóvis Gorgônio: Foi ele que achou e foi tirado das suas mãos [risos].

- Sílvia Ilg: Foi confiscado. Quando ele achou foi confiscado.

- Margarida de Souza Neves: Foi uma situação tensa.

- Weiler Finamore: Foi confiscado dele...
- Sílvia Ilg: Na mão, assim. Nós estávamos procurando isso há mais de 10 anos ou há muitos anos. Muito obrigado [risos]
- Margarida de Souza Neves: Mas aí a versão que vem pra mim...
- Weiler Finamore: Que loucura.
- Margarida de Souza Neves: Mas isso é assim mesmo, gente.
- Sílvia Ilg: É, faz parte.
- Margarida de Souza Neves: Mas nós não queremos, nem ele quer, nem eu quero, nem o Núcleo quero o papel daqui dos salvadores da pátria.
- Clóvis Gorgônio: As fotos que todos ficaram tão bestificados no dia do lançamento estão no armário do xérox aqui do outro lado da rua ali, guardadas lá.
- Margarida de Souza Neves: E todo mundo tão bestificado e o autor das fotos lá em silêncio.
- Clóvis Gorgônio: A gente olhava lá trás e como nós somos analfabetos de PUC [trecho incompreensível].
- Margarida de Souza Neves: E ele lá atrás quietinho, do jeito que ele é. [risos]
- Weiler Finamore: Há alguns metros...
- Clóvis Gorgônio: A gente tem fotos dele olhando ali assim do lado do projetor e...
- Weiler Finamore: Ah, no dia da exposição.
- Margarida de Souza Neves: No dia da exposição. E ele falou com os amigos dele, falou comigo, falou com os professores mais antigos, mas ele não... O interesse dele, como o nosso, não era [trecho incompreensível]. De tão feliz que ele ficou. E a gente uma das coisas que vai fazer esse ano é uma exposição, vai ser a primeira exposição que a gente vai fazer, ela vai ser basicamente uma exposição virtual, talvez a gente faça uma pequena coisa física também que é sempre bom pra chamar a atenção. E a primeira exposição de fotografias do Núcleo de Memória chama-se Antônio de Albuquerque.
- Antônio Albuquerque: Eu vou ver os filhos que merecem mais, os filhos mais merecedores [risos].
- Sílvia Ilg: Você não escapa disso, héin. [risos]
- Margarida de Souza Neves: A gente faz questão de fazer isso. Porque, enfim, você viram que ele vai muito além daquilo. O Antônio é um exemplo de profissional inteligente. Ele está lá carregando livros da Biblioteca, mas ele está pensando o sistema de classificação da Biblioteca que ele aprendeu o sistema de classificação da Biblioteca e ele tomou iniciativa. Isso é um profissional que eu quero trabalhar. O Antônio é fotógrafo e dizem assim: "joga isso fora". Ele leva pra casa dele. Isso aqui eu não vou jogar fora. Ou seja, ele é autônomo,

inteligente e autônomo.

- Weiler Finamore: Tem iniciativa.

- Margarida de Souza Neves: Tem iniciativa. Pode dizer que é pra jogar fora e ele diz: “sim senhor, pode deixar” [risos].

- Weiler Finamore: Bota e leva pra casa.

- Antônio Albuquerque: Eu vou levar sim. Está velho por que? Muitas vezes até me procuram.

- Margarida de Souza Neves: Claro. Então eu acho que a gente, bom primeiro a gente teve um momento muito bonito aqui.

- Sílvia Ilg: Eu acho.

- Margarida de Souza Neves: Eu não sei pra vocês, mas pra mim, quer dizer, eu quando era vocês eu conheci o Antônio. Então, esse aqui eu me lembro dele correndo por aí, os pobres dos seguranças atrás dele [risos].

- Weiler Finamore: Eu e muitos outros.

- Margarida de Souza Neves: Você, Daniel, Gregório.

- Clóvis Gorgônio: E a gente achou hoje fotos do pai dele que ele nunca tinha visto.

- Weiler Finamore: É eu vi várias fotos.

- Margarida de Souza Neves: Isso é outra coisa. O José Sérgio Leite Lopes, entre uma banca de Doutorado e a história agora, uma das coisas que eu quero fazer é dar de presente pra ele as fotografias do pai dele que é um dos grandes físicos do Brasil, ele já morreu, que a gente tem no nosso acervo. Eu garanto que ele não tem nenhuma foto do pai dele no quadro negro. E a gente tem.

- Sílvia Ilg: Ok.

- Weiler Finamore: Eu falei com a Sílvia quando eu recebi a notícia que o Antônio estava aqui que é um gesto precioso não no sentido de valor, mas no sentido da memória.

- Margarida de Souza Neves: E de justiça.

- Weiler Finamore: E de justiça, principalmente.

- Margarida de Souza Neves: Esse é o lugar do Antônio.

- Weiler Finamore: Esse reconhecimento feito ao Antônio agora por vocês do Núcleo é algo que pra mim é gratificante porque eu comecei garoto com ele e ele me ensinou muita coisa no laboratório. Sempre foi muito paciente e sempre teve uma preocupação, como você falou Margarida, de passar o conhecimento adiante e de não cercear ou interromper.

- Margarida de Souza Neves: Não ficar dono.

- Weiler Finamore: Ora nenhuma era interesse dele. E teoricamente eu seria até um

concorrente direto dele. [risos].

- Margarida de Souza Neves: Antônio é generoso, não é.

- Weiler Finamore: E outra coisa também é, e aí já é uma opinião minha eu posso estar equivocando, a noção de memória e de preservação de memória no nosso país é uma coisa muito tênue ainda. Tanto que vocês estão aqui, esta equipe está aqui.

- Margarida de Souza Neves: E o nosso país não é externo a nós, nós que temos isso.

- Weiler Finamore: Exatamente. E a PUC, na magnitude da instituição que é e do tamanho que ela é, o lastro que ela tem, não ter algo assim é inconcebível, é impossível.

- Margarida de Souza Neves: Segredo, segredo. Desliga [risos] [trecho incompreensível]. Nós vamos fazer para o ano que vem uma agenda PUC mais bonita que essa. Você chegou a ver essa?

- Weiler Finamore: Não, não vi essa não.

- Margarida de Souza Neves: Essa é da UFRJ. Da Medicina da UFRJ [trecho incompreensível]. Porque que você ainda não está no...

- Silvia Ilg: Sobre isso, ele disse que... [trecho incompreensível]. O Antônio comentou que o Zé Maria falou pra ele que ele estaria... O quê que ele falou exatamente?

- Antônio Albuquerque: Que eu poderia ficar disponível por meio expediente, não é?

- Margarida de Souza Neves: Não, isso sim. Mas ele está esperando o que pra fazer isso?

- Antônio Albuquerque: Eu já poderia já.

- Margarida de Souza Neves: Ah, então é pra começar.

- Antônio Albuquerque: É porque eu estava pensando que o José estava aguardando [trecho incompreensível].

- Silvia Ilg: Não houve nada oficial.

- Margarida de Souza Neves: Ta, então eu tenho que pedir para o Bergmann.

Transcrição feita por Eduardo Gonçalves.

Revisada por Luciana dos Santos.

4. Catalogação de documentos:

Cada visita tem como objetivo pesquisar, coletar, selecionar documentos e fotografias encontradas, digitalizando e cadastrando em metadados, como este abaixo:

Vide exemplo abaixo:

The screenshot shows a Microsoft Access window titled 'Microsoft Access' with a menu bar (Arquivo, Editar, Exibir, Inserir, Formatar, Registros, Ferramentas, Janela, Ajuda) and a toolbar. The main window displays a form titled 'Metadados' for a database named 'cadastros : Banco de dados (formato de arquivo do Access 2000)'. The form is for the 'Núcleo de Memória da PUC-Rio' and contains the following fields and values:

- Código:** Is0006
- Título:** Fotografias dos acervos do Departamento de História
- Autores/Criadores:** Núcleo de Memória da PUC-Rio
- Assunto:** História; acervo; arquivo; Graduação; Pós-Graduação; documentos; armários;
- Descrição:** Fotos feitas na visita realizada ao Departamento de História para ver os acervos do departamento.
- Identificador:** (empty)
- Local:** Rio de Janeiro
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Arquivo digital:** (empty)
- Contribuidor:** (empty)
- Editor/Publicador:** PUC-Rio
- Data da Criação:** 22/09/2008
- Data de obtenção do documento:** 22/9/2008
- Relações do documento com outros:** (empty)
- Tipo de documento:** imagem digital
- Número de Páginas/Tamanho em KB:** (empty)
- Formato do documento:** JPC
- Fonte:** Departamento de História
- Idioma:** Português
- Direitos Autorais:** PUC-Rio
- Atual depositário:** Núcleo de Memória da PUC-Rio

At the bottom of the form, there are buttons: Gravar, Excluir, Novo registro, Procurar, and Cadastrar Imagens. The status bar at the bottom indicates 'Registro: 14 de 263' and the system tray shows the time as 13:15.

4.1 Produção de fichamento e digitalização dos materiais que foram selecionados:

- Livro: Avaliação e Perspectivas ano 1982, volume VIII / Ciências Sociais e Aplicadas. Coordenação Editorial: SERPLAN/CNPq.

4.2 Seleção, digitalização, catalogação e cadastro em ficha de metadados das imagens e documentos cedidos pelos departamentos de Matemática, Engenharia Civil, Educação, Engenharia Elétrica, Engenharia Civil, Física, do acervo do professor José Carmelo de Educação.

4.3 Digitalização e edição de negativos e slides cedidos pela Reitoria, pelo professor Alfredo Jefferson, por Juliano Serra Barreto.

5. Outros

Pesquisa nos sites dos departamentos e nos Relatórios anuais da Reitoria, para busca dados para a cronologia. Levantamento no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio, sobre os professores do Departamento de Educação, que estão se aposentando

Relatório Substantivo:

A PUC-RIO DE PORTAS ABERTAS: DEBATES.

Aluna: Luciana dos Santos
Orientadora: Margarida de Souza Neves

O trabalho do Núcleo de Memória da PUC-Rio é como montar um enorme quebra cabeça, juntando a memória que se encontra dispersa nos arquivos dos seus inúmeros departamentos e setores, assim como em outros acervos como o da Reitoria. O Núcleo trabalha com o conceito amplo de documento, que abrange os documentos escritos, iconografia e documentos áudios visuais, e disponibiliza seus acervos para pesquisa no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O Relatório Substantivo diz respeito ao trabalho feito com três séries de fotografias, relativas à presença de três líderes de esquerda no campus da PUC-Rio nos anos da abertura que se seguiram ao período da ditadura militar no Brasil: Miguel Arraes, Luís Carlos Prestes e Herbert de Souza

Dentro do acervo do Núcleo de Memória a iconografia, especialmente as fotografias, são de grande destaque, elas tem o poder de emocionar e remeter o espírito de quem as vê a sentimentos diferentes como alega a historiadora Ana Maria Mauad, “*A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados*” [2]. Porém as fotografias são muito mais do que um simples ato automático entre quem vê e quem as produz, elas são fruto de uma série de seleções, começando pela seleção do fotógrafo que decide o que vai e o que não vai ser retratado por ele, a seleção do tempo e a seleção feita pelo Núcleo de Memória. Foi trabalhando com essas fotografias, que meu interesse foi despertado por este documento/monumento já que, conforme a historiadora Ana Maria Mauad, parafraseando Jacques Le Goff; “*(...) há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/ monumento.*” [3]. Desta forma a imagem tanto é uma marca do passado, quanto um símbolo que foi escolhido para ser retratado e guardado para a sociedade no futuro.

Para o historiador o trabalho com a fotografia apresenta algumas especificidades, primeiramente, é importante não tomar a fotografia como representação fiel da realidade, já que nela está sempre presente a subjetividade do fotógrafo e a seleção que ele opera do que fotografar e como fotografar. Depois é preciso ultrapassar a superfície da foto e não se prender ao que a foto dá mais destaque e sim fazer uma análise mais profunda, uma descrição densa na perspectiva proposta por Geertz [4], para quem em uma descrição densa é preciso *distinguir um tique nervoso de uma imitação*. Desta forma o historiador se aproxima do antropólogo e do detetive ao buscar nos pequenos detalhes observados os múltiplos significados de um fato na rede de relações culturais em que se encontram os agentes sociais. A fotografia proporciona uma abordagem que pressupõe a interdisciplinaridade, o que ajuda ao historiador a interpretar os signos da sociedade retratada e a seguir as mínimas pistas deixadas para ele nestes registros.

Ao trabalhar com as fotografias do acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio, pode-se perceber uma quantidade significativa de fotografias de eventos que mostram como a PUC-Rio, coerente com a sua identidade de Universidade de Pesquisa, foi palco de importantes debates e eventos acadêmicos que refletiam sobre o que acontecia no Brasil e no mundo. Um bom exemplo disso são as séries de fotografias de Miguel Arraes, Luis Carlos Prestes e Herbert José de Souza, que visitaram a PUC-Rio entre os anos de 1979 e 1981.

Nesse momento o Brasil passava por um processo de redemocratização do Estado, como ocorria em outros países da América Latina que se encontravam no final de um período de Ditaduras Militares. Nos anos 70, o Brasil viveu anos difíceis e as universidades foram um dos espaços mais atingidos pelo arbítrio e a violência, com invasões policiais, liberdades públicas mutiladas, professores e estudantes aprisionados, alguns deles com seus direitos políticos cassados, outros torturados, outros ainda exilados. O regime ditatorial foi quebrado, segundo alguns de seus intérpretes, com a lei da anistia em 28 de agosto 1979 (Lei Federal 6.683) [5], que beneficiou 4.650 pessoas entre cassados, banidos, presos, exilados ou

simplesmente destituídos de seus empregos. Com ela, puderam voltar ao Brasil líderes políticos como Leonel Brizola, Miguel Arraes, Luis Carlos Prestes e muitos intelectuais, como é o caso de Herbert de Souza. Neste mesmo dia é denunciada no Congresso Nacional a descoberta dos restos mortais de alguns presos políticos, entre eles Luis Eurico Tejera Lisboa, militante da Aliança Nacional Libertadora, dados como desaparecidos. O início dos anos 1980 foram marcados por uma intensa mobilização popular. Era a retomada das grandes manifestações de massa. Multidões ganharam as ruas após muitos anos de silêncio, anos de repressão aos movimentos sociais, advindos da ditadura militar. No início da década pipocaram muitas greves pelo país, porém a que marcou o cenário e influenciou outras pelo Brasil afora seria a greve dos trabalhadores do ABC paulista. Em 1985 encerra-se o regime militar em no Brasil com a eleição de um presidente civil. Foi o interesse por esse período conturbado e pela situação peculiar da PUC-Rio durante os anos da ditadura – estar menos exposta ao arbítrio que as universidades públicas – que me levaram a selecionar no acervo de fotografias do Núcleo de Memória as fotos da presença no campus dos três líderes de esquerda, exilados políticos da ditadura militar e representantes de distintas tendências.

Naquele momento os três haviam retornado há pouco do exílio e o registro fotográfico da presença deles, em ocasiões distintas, no Campus em um momento em que ainda os mecanismos de repressão da Ditadura não estavam de todo desativados, podem dar alguns indícios de que as portas da Universidade estavam aberta a debates e conflitos que estavam acontecendo no Brasil.

Alguns traços gerais da história das três figuras centrais das fotografias são necessários à sua análise.

Miguel Arraes nascido em 15 de dezembro de 1916, em Araripe, Ceará era um político influente, havia iniciado sua carreira política em 1948, ao ser nomeado Secretário de Fazenda de Pernambuco pelo então governador Barbosa Lima Sobrinho. Foi eleito deputado estadual suplente pelo PSD (Partido Social Democrata) em 1950, e no mesmo ano foi eleito prefeito de Recife. Em 7 de outubro de 1962, foi eleito governador de Pernambuco. Foi deposto pelos militares do cargo de governador, e preso por afirmar que não poderia ser deposto de uma função para a qual havia sido eleito pelo voto. Seu advogado, Sobral Pinto, um dos professores fundadores da PUC-Rio, impetrou um pedido de *habeas corpus* que foi aceito por unanimidade por argumentos processuais e o mesmo Sobral Pinto aconselhou-o a exilar-se. A França recusou-se a aceitar seu pedido de exílio, e Arraes foi para o Chile e, com a queda do governo Pinochet, para a Argélia na condição de exilado. Retornou ao Brasil em 1979, quando sai a lei da anistia. Depois de retornar ao Brasil e continuar com sua carreira política, em 1994 é eleito pela terceira vez governador de Pernambuco. Faleceu em 2005. [6]

Luis Carlos Prestes nasceu em Porto Alegre em janeiro de 1898. Participou da Coluna militar que recebeu seu nome e que, na década de 20, percorreu o país, liderou tenentes em defesa de um nacionalismo econômico do qual nunca se afastou. Prestes foi um dos defensores do ideal tenentista, nos tumultuados anos 20. Exilado na Argentina, em 1929, Prestes articula-se com os revolucionários que preparavam a derrubada do governo de Washington Luis, para depois denunciar o movimento como uma simples troca de elites burguesas no poder e tomar a decisão de filiar-se ao Partido Comunista do Brasil, PCB, cujo levante foi frustrado em 1935. Preso e condenado, Prestes, torna-se o perseguido político mais famoso da América Latina. Quando preso, seu advogado foi também Sobral Pinto. Luiz Carlos Prestes foi o principal dirigente comunista do país até a década de 80. Morreu aos 92 anos, sem partido, porque havia sido expulso do PCB, mas manteve-se um comunista convicto. Graças à última anistia política foi condecorado general aos 74 anos, embora sempre tenha sido reconhecido por seus comandados e até por seus inimigos como capitão-general. Cavaleiro da Esperança é o título que lhe atribui Jorge Amado ao escrever sua biografia. [7]

- Herbert José de Souza nasceu em de novembro de 1935, em Minas. Foi militante da Ação Católica e nos anos 60 fundou a Ação Popular, que tinha como proposta o socialismo humanista, com base nas formulações de Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Jacques Maritain e do Padre Lebreton. Depois do golpe de 1964, passou sete anos na clandestinidade e oito anos vivendo no exílio. Ao voltar para o país em 1979, fundou o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE). Ganhou, em 1991, o Prêmio Global 500, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, por sua luta em defesa da reforma agrária e dos indígenas. Em 1993, fundou a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, que, sem a ajuda do governo, distribuiu alimentos à população pobre de todo o país e conseguiu uma mobilização civil nacional sem precedentes. Morreu em 1997, por complicações devido ao vírus da AIDS, que contraiu em uma transfusão de sangue por ser hemofílico e ter contraído hepatite C. [8]

No que diz respeito às fotografias analisadas, é importante notar que apenas uma delas foi guardada em acervo oficial da Universidade, o Projeto Comunicar onde se encontra a foto de Betinho. Nos outros casos as fotografias foram guardadas em acervos privados. Como exemplo, o de Antonio Albuquerque por muitos anos fotógrafo oficial da universidade e atualmente vinculado ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Como outros funcionários, Antonio tomou para si a responsabilidade de contribuir para a memória da Universidade guardando todos os registros fotográficos realizados em quase 4 décadas. Em seu arquivo privado está conservada a seqüência de fotografias da visita de Luis Carlos Prestes. As fotografias de Miguel Arraes foram encontradas no acervo privado do ex-aluno Juliano de Serra Barreto.

Para analisar essas fotografias, é importante tentar localizar as pessoas presentes nelas. Na fotografia do Luis Carlos Prestes, ele se encontra no edifício da Amizade na sala 506 K, onde vemos a presença de alguns professores como Graça Salgado, do Departamento de História e Sílvia Tandler e Manuel Wambier ambos do Departamento de Comunicação Social. A presença de professores de áreas distintas mostra que esses eventos ultrapassam os interesses deste ou daquele departamento, envolvendo professores e alunos de distintas especialidades. Esse evento foi organizado pelos dois primeiros professores citados, para trazer Prestes para falar aos alunos de duas turmas uma de História e a outra de Cinema. A professora Graça Salgado em uma conversa informal, através de troca de e-mails, relata não lembrar direito em que ano foi tirada essa fotografia, mas ela diz que pode ser em 1980 ou 1981. O convite para visita do Luis Carlos Prestes foi feito por ela. Era para um seminário específico para a disciplina *História Econômica, Política e Social do Brasil* e o Seminário era sobre a chamada "*Intentona Comunista de 1935*", um dos temas do curso mencionado. Era um seminário pequeno e específico para os alunos de Comunicação Social. Não foi feita divulgação do evento porque fazia parte do curso. *Ela fala que presença do Prestes na Universidade, naquele momento, foi um verdadeiro sopro de liberdade, depois dos duros anos de chumbo da ditadura militar e refletia exatamente o início do processo de transição para a democracia.*

Na foto de Miguel Arraes, que os testemunhos datam em 1979, o que vemos é o líder pernambucano andando nos Pilotis repletos de pessoas para comemorarem sua volta do exílio, apesar de não podermos ainda identificar a maioria das pessoas presente nas fotografia, em uma delas podemos identificar o padre José Mendes, além dele o próprio Arraes, fica claro que esse fato mobilizou uma grande parte da comunidade universitária, interessada em conhecer aqueles que, por tanto tempo, tinham sido excluídos da vida do país. O interessante nesse acontecimento é que, conforme uma conversa informal através de troca de e-mails com o padre José Mendes, que na época da visita era Vice Reitor Comunitário, Miguel Arraes foi convidado pelo Diretório Acadêmico para falar aos alunos. O Reitor Padre João Augusto Mc Dowell, reservou o auditório de Química, mas devido ao grande numero de alunos que se

aglomeraram nos pilotis, Arraes não conseguiu chegar ao auditório, foi cogitado que falasse no antigo ginásio, mas o Reitor não concordou pois estariam sendo realizadas aulas de Educação Física. Como não se chegasse a um acordo com os alunos, o senhor Arraes disse que não poderia contrariar a ordem do Reitor e que preferia retirar-se. O Vice-Reitor o acompanhou até o portão. Já fora do portão, foi trazida uma cadeira. Arraes nela subiu, disse algumas palavras e se despediu. À tarde, um grupo de alunos promoveu dentro da Universidade, com modesta repercussão, um enterro simbólico do Vice-Reitor. No dia seguinte, alguns jornais deram notícia do ocorrido. As da PUC-Rio que sempre procuraram estar abertas para o debate, também se abriam para as tensões e conflitos próprios daqueles tempos.

Das fotografias deste episódio teve origem a produção de uma espécie de fotonovela [9] sobre a vinda de Miguel Arraes à PUC-Rio, na qual os alunos criticavam a atitude da reitoria. Este documento foi encontrado no acervo pessoal do professor Alfredo Jefferson, que na época era aluno. O fato de que o Núcleo de Memória possa reunir distintos registros de um mesmo evento conservados em arquivos privados permite não apenas a ampliação dos seus acervos mas, sobretudo, a evidência de que a memória é feita de registros e apagamentos, e supõe o cuidadoso trabalho de busca e preservação de diferentes versões e pontos de vista sobre o vivido. No caso desse episódio lembrado por muitos que o testemunharam como polêmico, as poucas fotografias dispersas em acervos privados serviram de suporte físico para relatos memorialísticos que pretendemos continuar a desenvolver.

A fotografia de Herbert José de Souza (Betinho) permite uma leitura pautada pelas ausências significativas, visto que essa foto não mostra a presença do público que está assistindo à fala do fotografado. A falta deste elemento está longe de significar que não havia pessoas na platéia, mas nos impossibilita de saber quantas e quem eram os que estavam presentes a este debate que, a foto o certifica, ocorria no Auditório do RDC. A falta de informações escritas ou mesmo datação no verso da fotografia e de outros registros sobre o mesmo evento pode revelar que a memória também é constituída de lacunas, porém em uma das entrevistas do Núcleo encontrei mais algumas informações sobre o evento. Foi na entrevista dada pelo ex-aluno Bernardo Jefferson em maio de 2009, Quando perguntado sobre os eventos ocorridos aqui na PUC-Rio que mais lhe marcaram, ele respondeu que entre outros, a vinda de Betinho foi um dos acontecimentos que mais lhe marcaram, mas não forneceu outros dados sobre a discussão. [10]

Pesquisando no acervo do Projeto Comunicar encontrei no PUC Notícia, um periódico da PUC-Rio, algumas notícias sobre o evento. Segundo o periódico, esse evento foi um seminário organizado pelo Instituto de Relações Internacionais, o IRI. Foi organizado pelo professor Luis Gonzaga de Sousa Lima e reunia cientistas sociais de renome internacional. O tema do seminário era “Novo Problemas e Condicionantes nas Relações Internacionais na América Latina” e foi realizado nos dias 1, 2 e 3 de setembro de 1980. Nesse mesmo periódico encontrei a programação do seminário. Herbert de Souza, inscrito como representante da Latin American Research Unit (Laru), um programa que reunia intelectuais exilados que faziam pesquisas sobre a América Latina[11], foi comentarista na primeira sessão, intitulada “*Desafios Políticos e Econômicos da América Latina da Década de 80*” [12]. Ao analisar a fotografia pude identificar pelo programa que ele está falando na mesa do dia 2 de setembro de 1980, que se discutia o caso chileno, onde estavam presentes os senhores Pablo Rieznik (CEBRAP), professor Roberto Frenkel (CEDES Argentina), que já estavam identificados na foto. Na notícia há outras fotografias em que aparecem professores da PUC como palestrantes. Em uma das fotografias que compõem a série podemos ver o público que lotava o Auditório do RDC, junto a fotografia vem acompanhada a notícia que o seminário despertou grande interesse entre os alunos e professores[13].

Com base nesses exemplos podemos chegar a algumas conclusões preliminares e que dizem respeito, sobretudo, ao trabalho desenvolvido pelo Núcleo e seu significado. Em primeiro lugar, a amostragem confirma que as fotografias constituem um suporte documental que o historiador deve saber trabalhar, já que a partir de sua leitura podemos ter diversas interpretações sobre o que elas aparentemente registram com objetividade. O olhar do fotógrafo, a seleção dos registros fotográficos operada pelo tempo ou pela vontade dos que se encarregaram dos acervos, a presença ou ausência de anotações que permitam, hoje, uma análise informada desses registros, são elementos relevantes para sua leitura e interpretação.

O registro fotográfico de eventos acadêmicos constitui um número significativo das séries fotográficas do acervo iconográfico da PUC-Rio. Não é o caso das fotografias da visita de Miguel Arraes e de Luis Carlos Prestes, guardadas em acervos privados. Ainda, a ausência de registros escritos que permitam atribuir conteúdo às imagens fotográficas dificulta sua compreensão pelas gerações mais novas e parece confiar demasiado na memória viva dos que os testemunharam. No entanto, o próprio fato da PUC-Rio criar um Núcleo de Memória mostra a preocupação em reunir, ampliar e conservar, mas, sobretudo em buscar registrar também a memória viva dos testemunhos desses eventos, de forma a minimizar a ação corrosiva do tempo e a permitir aos que vierem no futuro a construção de novas interpretações de eventos acadêmicos, espaços com outras conformações, manifestações culturais, hábitos, e muitos outros aspectos da vida na universidade que alguém, algum dia, registrou com uma máquina fotográfica e que fazem parte de sua história.

Na sua maioria as fotografias além de mostrarem o palestrante, deixam aparecer também o público, mas em alguns casos isso não ocorre, o que dificulta a identificação do evento e das pessoas que participavam dele. A ausência de informações escritas sobre os eventos também é constante nas fotografias, o que acarreta em um trabalho como o do detetive no seguimento da mínima pista coletada na foto que pode ser, por exemplo, uma pessoa presente que ainda trabalhe na PUC-Rio e, através desta tentar obter mais informações que permitam contextualizar a foto e, o que em geral é muito rico, uma versão do vivido. Esse trabalho de detetive é constantemente realizado pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio, consciente da importância de seu empenho, hoje, para as gerações que virão.

A série de fotos de eventos acadêmicos circunstanciais põe em evidência seu significado quantitativo e qualitativo no conjunto do acervo iconográfico do Núcleo de Memória, o que permite afirmar que estiveram, mesmo em tempos difíceis, presentes na PUC-Rio figuras significativas do cenário científico e também representantes da arena política e dos debates sociais, em eventos organizados quer institucionalmente, quer por iniciativa de alguns professores quer pelos alunos, até mesmo, como no caso do episódio da vinda de Miguel Arraes, sem a aprovação da reitoria. A presença de questões e de debates sobre a atualidade é própria de toda universidade, e o fato de que as tensões e conflitos da sociedade também transporem as portas abertas da Universidade é índice de sua historicidade. Os eventos e suas circunstâncias parecem sugerir que não é apenas na sala de aula e nos laboratórios que o conhecimento é produzido se consolida a oferta de uma formação universitária que permita ampliar visões de mundo, não apenas como profissionais, mas como agentes sociais críticos e atentos ao que está acontecendo no mundo.

Referências Bibliográficas:

- [1] Pierre NORA. “Entre memória e história: a problemática dos lugares.” IN Revista Projeto História. Nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.

- [2] MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista *Tempo*, vol. 1, nº. 2, 1996.
- [3] MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista *Tempo*, vol. 1, nº. 2, 1996.
- [4] GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- [5] FERREIRA, José e NEVES, Lucilia de Almeida (orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo da Ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, livro 4, 2003.
- [6] <http://www.institutomiguelarraes.com.br/> disponível em julho de 2009.
- [7] http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/4366_1.asp disponível em julho de 2009.
- [8] <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/HerbJSou.html> disponível em julho de 2009.
- [9] Núcleo de Memória da PUC-Rio. metadados: jf0014_33 até jf0014_36.
- [10] Entrevista com Bernardo Jefferson realizada pelo *Núcleo de Memória da PUC-Rio*, em 22 de maio de 2009.
- [11] <http://www.yorku.ca/cerlac/about.htm> disponível em agosto de 2009.
- [12] Jornal PUC Notícia. nº 125 de 19 a 26 de agosto de 1980 pág. 5
Jornal PUC Notícia. nº 126 de 27 de agosto a 2 de setembro de 1980 pág. 3
- [13] Jornal PUC Notícia. nº 128 de 10 a 23 de setembro de 1980 pág. 2 e 3